

A TRADUÇÃO CULTURAL NOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE TRADUTORES E INTÉRPRETES LIBRAS-PORTUGUÊS: A VISUALIDADE SURDA COMO ESSÊNCIA

Sônia Marta de Oliveira¹

RESUMO

Ao traçarmos leituras em derredor dos Estudos da Tradução e dos Estudos Surdos suscitando que ambos se entrelaçam ao se aproximarem de questões inerentes a traduções e interpretações interculturais, abrindo um diálogo com os Estudos Culturais trazendo a tradução cultural como um dos pilares a serem edificados na base teórica dessa investigação apresenta Bhabha (1998) que compreende a tradução cultural como exercício de corroboração, consonância e criatividade cultural. Para o autor a cultura é uma composição híbrida concentrada na sentença tradução cultural, onde as diferenças e as divergências não têm solução. Entre-lugar e entre-tempo (espaços afastados, difundidos) onde a tradução expõe o caráter diversificado e conflituoso dos sentidos, tal como a inauguração, o hibridismo e o vigor produzido pelos jogos de poder, pela alteridade e pela diferença. A ação da cultura surda está norteadada também para a formação dos tradutores e intérpretes, para sua atuação cultural e coletiva. Em grau epistêmico a forma de pensar a cultura surda, as interposições culturais, as combinações em torno das modalidades interpretativas são inquirições inerentes à formação desses profissionais que devem compor a grade curricular dos cursos de graduação. Perlin (2006). Ao refletirmos sobre o currículo como instrumento que constrói sentidos, seja espaço de princípios e diferença que tenha o objetivo de instituir uma educação que reconheça e garanta a equidade, os cursos que formam esses profissionais devem contemplar conteúdos que abarquem o que é estranho aos olhos do futuro tradutor intérprete. Valores e normas da cultura surda vivenciados no bojo, na essência dessa cultura. Um estudo de caráter qualitativo realizada com professores surdos de instituições de ensino superior indica que a tradução cultural não é exclusivamente adequação de particularidades de determinada cultura, é um meio de consentimento de auto-avaliação de significados, referências, valores e normas, apartando-se do que é usual e natural que se aproxima do que é estranho e diferente. Por essa razão, toda atividade tradutória oportuniza hesitação, adversidade, divergência, ajustes, descortinando a imprecisão do processo de tradução. Ao atentarmos a língua na perspectiva cultural, alcançamos uma compreensão precisa da língua. Bassnett (2005) esclarece que a língua é o ponto central da cultura, e é a partir do trato entre as duas que há a possibilidade de continuidade de uma ação substancial.

Palavras-chave: tradutor e intérprete; cultura surda; currículo.

¹ Doutoranda em Educação pela Puc Minas

INTRODUÇÃO

Pensar a formação de tradutores e intérpretes de Libras/Português em constante transformação após os desdobramentos legais em torno da lei 10.436/2002 e reconhecer que essas transformações influenciam na produção do conhecimento e na prática de aprendizagem é trazer para a discussão, questões inerentes à atuação desse profissional junto à comunidade surda, sua língua e cultura. Ao tratarmos da língua e cultura surda, adentramos no campo da visualidade surda. A imagem está colocada e é necessário entendê-la, compreendê-la. Entendemos leitura feita por meio de linhas, expressões, formas, cores, textos, etc.

Ao ler estamos entrelaçando informações do objeto, suas características formais, cromáticas, topológicas; e informações do leitor, seu conhecimento acerca do objeto, suas inferências, sua imaginação. Assim a leitura depende do que está em frente e atrás dos nossos olhos. (PILLAR, 2001.p.12)

A interpretação de uma leitura visual está intimamente ligada à esfera de quem interpreta, pois quanto maior for sua imersão cultural, maiores são as probabilidades de compreensão aumentando suas chances de entendimento e relação com o que é visualizado e compreendido. (MARTINS, 2008).

Destacamos que a visualidade é compreendida neste estudo como caminho para a apreensão de conhecimento do universo visual da língua de sinais e da cultura surda que não são organizadas de forma a serem imóveis e delimitados numa visão estruturalista. A imagem é estruturada de diferentes variantes e é incerto definir e ater. As descrições visuais podem ser apreendidas de acordo com o olhar, a figura. A expressão visual animada ou inanimada, ou densa, constitui-se de interpretações e estímulos visuais que orbitam os olhos com direção e intensidade(CAMPELLO 2008).

A experimentação visual é espaço de criação, porque deriva dos indivíduos surdos, de seus grupos e seus diversos produtos culturais como a língua de sinais, a história cultural, a literatura, arte, dramaturgia (QUADROS, 2003).

A cultura da visualidade vem de conhecimentos visuais construídos e organizados por meio da língua de sinais concomitantemente com uma cultura constituída no silêncio. As percepções imagéticas levam ao que foi sentido pela língua de forma visual (PERLIN, 2006).

Ao trazermos a discussão em derredor da visualidade incorporada à língua de sinais e cultura surda, procuramos atentar para um artefato cultural surdo inerente às práticas linguísticas das comunidades surdas: o olhar.

A expressão cultura visual refere-se a uma diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar. (...) do movimento cultural que orienta a reflexão e as práticas relacionadas a maneiras de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, refiro-me às maneiras subjetivas e intrasubjetivas de ver o mundo e a si mesmo (HERNÁNDEZ, 2007, p.22.).

Ponderar sobre as práticas concernentes a forma de olhar da pessoa surda é apreender sobre um universo ainda insuficientemente discutido no espaço acadêmico. Trazer à reflexão a visualidade surda nos currículos dos cursos que formam os tradutores e intérpretes é empregar aos estudos já adotados nos campos da tradução e interpretação, conteúdos que contemplam a cultura surda sob a ótica do sujeito surdo no tocante ao ser surdo, ao se olhar surdo.

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Uma pesquisa inicia-se com base em uma indagação do investigador e é concluída com uma elaboração que gera novas leituras do contexto investigado. Assim, de acordo com Minayo (2000), a pesquisa é um trajeto ordenado que procura questionar e compreender o assunto investigado, por meio da teoria e prática.

Em consonância com os estudos qualitativos e quantitativos este artigo tem suas bases teóricas metodológicas embasadas em estudos que permitem ao investigador interpretar e desnudar a fala dos entrevistados, para Teresa Maria Frota Haguette: "[...]fornece uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas sociais" (HAGUETTE, 1992, p. 63).

A demanda metodológica na investigação tem atravessado fases diversas em várias áreas do conhecimento. As convicções de regra quantitativa e qualitativa abrem um novo leque para o investigador com um aumento do número de aproximações que

usam as duas metodologias para coletas e análise de dados. Wilson (1986) declara que, conforme o ângulo dos quantitativistas, uma investigação só tem valor científico, se der motivo à classificação, medição e tabulação. O estudo qualitativo é basilar para a compreensão do real, dos obstáculos vivenciados, dos posicionamentos, comportamentos dos sujeitos envolvidos, produzindo um aporte teórico primordial. (MINAYO, 2000).

(...) a qualidade dos fatos e das relações sociais são suas propriedades inerentes, e que quantidade e qualidade são inseparáveis e interdependentes, ensejando-se assim a dissolução das dicotomias quantitativo/qualitativo, macro/micro, interioridade e exterioridade com que se debatem as diversas correntes sociológicas. Portanto, em relação à abordagem qualitativa, o método dialético, como diz Sartre, recusa-se a reduzir. Ele ultrapassa conservando (MINAYO, 1996, p. 11-12).

Dentro de suas especificidades, os estudos qualitativos e quantitativos contribuem para a análise de dados desde que o investigador situe em qual contexto se incorpora o seu estudo e saiba identificar com nitidez as capacidades e limites no momento de aplicar sua pesquisa. (DAL-FARRA, 2013)

Com o intuito de compreender a visualidade surda sob a ótica do sujeito surdo, esta investigação se baseou em uma entrevista online com 15 professores surdos com idade entre 30 e 40 anos de 8 instituições de ensino de educação básica e superior (públicas e privadas) de 8 cidades da região Sudeste do país que responderam a uma pergunta: como você descobriu/percebeu que era surdo? O contexto das respostas foi o mesmo dos 15 participantes da pesquisa. Abaixo, algumas das respostas.

Resposta do participante L:

- *"[...] quando eu era criança me sentia diferente dos meus familiares. Não entendia o porquê dessa diferença. Apenas via que não me encaixava. Alguma coisa faltava mas eu não sabia o que era. Quando fui para a escola e eu não sabia que era uma escola de surdos porque eu não sabia que eu era surdo. Mas, quando eu encontrei com o meu colega de sala, que eu olhei pra ele eu vi que eu era igual a ele. Ao olhar pra ele, vi que éramos iguais. Não sabia em que éramos iguais. Mas eu me identifiquei com ele pelo olhar e pensei: ele é igual a mim!"*

Resposta do participante R:

- *"Sempre via minha família diferente. Sabia que meus pais me amavam mas, faltava alguma coisa. Eu olhava meus pais e via que eu era diferente. Quando fui para a escola e encontrei meus colegas e olhei pra eles eu vi que eu era igual a eles! Pelo olhar, eu sabia que eles eram iguais a mim! Só de olhar nós, eu e eles sabíamos que éramos iguais!"*

Resposta do participante D:

- *"Eu tinha 10 anos quando fui para a escola. Lá, na escola quando vi dois alunos conversando com as mãos, eu não sei o porquê mas, eu olhei e vi que eu era igual a eles. Eu me senti igual!"*

Resposta do participante A:

- *"Em casa eu me sentia diferente da minha família, dos meus pais, dos meus irmãos. Na escola quando fui pela primeira vez e encontrei com outras crianças que me olharam parece que nos conhecíamos! Nos olhamos e sabíamos que éramos iguais."*

A visualidade surda é o primeiro artefato cultural que atravessa a cultura surda. No Documentário francês *Sou Surdo e Não Sabi* produzido em 2009, há uma passagem em que a personagem descreve o momento em que, pelo olhar, ela percebe que há uma espécie de ruptura no relacionamento com a mãe. Esse momento é percebido pelo olhar da personagem e é justamente quando a mãe recebe a notícia de que a filha é surda. Nesse momento, segundo a personagem, o laço maternal entre mãe e filha sofre um rompimento porque a filha deixa de ser a filha idealizada pela mãe.

O Outro é citado, mencionado, emoldurado, iluminado, encaixado na estratégia de imagem/contra-imagem de um esclarecimento serial. A narrativa e a política cultural da diferença tornam-se o círculo fechado da interpretação. O Outro perde seu poder de significar, de negar, de iniciar seu desejo histórico, de estabelecer seu próprio discurso institucional e oposicional. (BHABHA, 1998, p.59)

Para Hall (2003), nos encontros em enunciados culturais e precisamos desses enunciados para criar expressões enquanto sujeitos culturais. Os surdos compõem

espaços de cultura organizando junções com sujeitos que compartilham o universo surdo e são díspares das pessoas que ouvem.

Pensar na visualidade surda é considerar a língua como ponto central de uma cultura. E é com base na relação entre visualidade, língua e cultura que há encadeamento de uma atividade efetiva. Um currículo que forma o tradutor intérprete não pode ser organizado sem essa tríade. Bassnett (2005) afirma que para se ter uma compreensão precisa da língua é necessário atentar para a perspectiva cultural.

CONSIDERAÇÕES

Na perspectiva de direcionar a visualidade surda como conteúdo nos currículos dos cursos que formam os tradutores e intérpretes não se deve supor esse conteúdo e/ou tema como uma adequação de especificidades da cultura surda seletando do que é natural e usual. Oportunizar uma atividade tradutória aos alunos dos cursos de graduação em tradução e interpretação Libras e Português levando-os a um encontro cultural com o surdo que lhe proporcione hesitação, conhecimento, imersão, mediação, troca.

Consideramos a visualidade surda a característica essencial, um dos artefatos mais valiosos, a essência surda que permeia as relações surdas e as relações com o outro ouvinte. Parte deste prisma uma possibilidade de conteúdo a ser discutido nos cursos de formação do tradutor e intérprete: um encontro cultural com a pessoa surda que leve o futuro profissional da tradução e interpretação a vivenciar um encontro com a visualidade surda em sua forma mais visual, silenciosa, sonora, e com as cores surdas.

REFERÊNCIAS BLIOGRÁFICAS

BASSNETT, Susan. Estudos da tradução. Trad. GEHRING, Sônia Terezinha, ABREU, Letícia Vasconcellos, ANTINOLFI, Paula Azambuja Rossato. Porto Alegre: UFRGS, 2005

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CAMPELLO, A.R. Aspectos da Visualidade na educação de surdos. Tese (doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis: 2008

DAL-FARRA, Rossano André Paulo; LOPES, Tadeu Campos. Métodos Mistos de Pesquisa em Educação: pressupostos teóricos. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 24, n. 3, p. 67-80, set./dez. 2013. Disponível em: . Acesso em: 10 set. 2015

HALL, S. Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais, Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias Qualitativas na Sociologia. Petrópolis: RJ, Vozes, 1992.

HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da Cultura Visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MARTINS Raimundo. Visualidade e educação. Goiânia : FUNAPE, 2008.

MINAYO (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 16ª edição. Petrópolis: RJ. Vozes, 2000.

_____. O Desafio do Conhecimento - pesquisa qualitativa em saúde. 4ª edição São Paulo - Rio de Janeiro: HUCITEC - ABRASCO, 1996.

PERLIN, G. A cultura surda e os intérpretes de Língua de Sinais, ETD Educação temática digital, Campinas, v.7, n.2, jun/p.135-146, 2006.

PILLAR, Analice Dutra. Educação do olhar no ensino das artes. 2º Ed. Porto Alegre: Mediação, 2001

QUADROS, Ronice Müller de. Situando as Diferenças Implicadas na Educação de Surdos: Inclusão/Exclusão. Revista Ponto de Vista, N.5. NUP. UFSC, Florianópolis, 2003.